

A Exposição da Verdadeira Emancipação no Centenário da Independência na Bahia (1923)

The Exhibition of True Emancipation on the Centenary of Bahia Independence (1923)

Cinthia da Silva Cunha*

Suely Moraes Cerávolo**

Resumo: A cultura visual articulada ao *modo-exposição* expandiu-se em eventos nacionais e regionais no Brasil, influenciados pelas exposições internacionais ocorridas desde meados do século XIX. Com foco na Bahia durante o período da Primeira República, analisamos a participação desse estado federativo nas mostras comemorativas realizadas no Rio de Janeiro em 1908 (Abertura dos Portos do Brasil), em 1922 (Independência do Brasil) e na cidade do Salvador em 1923, salientando a intitulada Exposição da Verdadeira Emancipação. Esta exposição comemorava simultaneamente o centenário da independência do país e o Dois de Julho, significativa data cívica para os baianos que celebram as batalhas ocorridas na Bahia em 1823 para firmar a autonomia do país em relação a Portugal. No contexto do país sob um processo de modernização, a mostra de produtos na exposição regional operava como contrapartida para as crises internas e o paradoxal desenvolvimento visando outro patamar de civilização.

Palavras-chave: *Exposição da Verdadeira Emancipação*. Exposição Luso-Bahiana. Mostra de produtos. Bahia. Primeira República.

Abstract: The visual culture associated with exhibitions grew rapidly in national and regional events in Brazil, influenced by the international expos that had taken place since the mid-19th century. Focusing on the State of Bahia during the period known as the First Republic, we analyzed the participation in commemorative expos held in Rio de Janeiro in 1908 (the Opening of the Ports), and in 1922 (the Independence of Brazil), as well as in the city of Salvador in 1923, highlighting the material and symbolic representations created for each event. Based on the speeches given by the organizers, we concentrated our analysis on an event known as the Exhibition of True Emancipation, held to showcase the level of development of the State of Bahia. This expo commemorated both the centenary of Brazilian Independence, and the 2nd of July, a significant civic holiday for the people of Bahia that celebrates the battles that occurred in Bahia in 1823 to achieve Brazilian autonomy from Portugal. Within the context of a country undergoing a process of modernization, this regional exhibition was a counterpoint to the internal crises and the paradoxical commitment to development and civilization.

Key-words: Exhibition of True Emancipation. Luso-Bahiana Exhibition. Products showcase. Bahia. First Republic.

* Doutora em História Social e Cultural; pesquisadora do GP Observatório da Museologia na Bahia (CNPq) - Linha História da Museologia na Bahia. E-mail: cinthiahistoriadora@gmail.com

** Docente do Departamento Museologia, PPG Museu, Faculdade Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal da Bahia. GP Observatório da Museologia na Bahia (CNPq) - Linha História da Museologia na Bahia. E-mail: sumocem@gmail.com

A cultura visual e o fator exposição

A Exposição Internacional do Centenário da Independência do Brasil, inaugurada em 7 de setembro de 1922, estava fechando em 24 de julho de 1923, no Rio de Janeiro, capital do país, quando o Estado da Bahia promovia paradas cívicas, bailes, desfiles escolares e a *Exposição da Verdadeira Emancipação*, abrindo-a ao público no dia 2 de julho, na cidade do Salvador, para celebrar o centenário da Independência na Bahia. O dia escolhido remete propositalmente ao Dois de Julho, que decorre do acontecimento cívico comemorativo da expulsão dos portugueses em 1823, que ocupavam a cidade do Salvador, considerado tão significativo para o Brasil independente da Coroa portuguesa que, mesmo no decorrer do século XIX, os baianos procuraram transformá-lo em feriado nacional, mesclado com festas populares e conhecido como “independência da Bahia” (ALBUQUERQUE, 1999, p.13). A exposição aberta nesse dia cheio de simbolismo foi oportunidade para embasar o discurso patriótico e reforçar a imagem positiva da Bahia para o país e para os próprios baianos.

Tendo em mente esse pano de fundo, focalizamos a pouco comentada *Exposição da Verdadeira Emancipação* de 1923 que, como outras mostras de porte internacional, nacional ou regional ocorridas desde meados do século XIX, apoiavam-se no espriar da cultura visual. Com efeito, a cultura visual atua de modo impactante na dinâmica social e cultural. Compreendida como ação cultural que privilegia a visualidade, trazendo o protagonismo das coisas materiais, portanto, visíveis, opera didaticamente na disseminação de ideais em razão da experiência sensível que os sujeitos nelas podem vivenciar (BARBUY, 2002), o que facilmente tocou a cultura das exposições e a convergência ativa de contatos culturais. As exposições internacionais e ou universais do XIX tornaram-se modelo paradigmático, centralizando em grandes eventos a produção do mais novo e moderno que a indústria produzia para consumir e produtos artesanais e ou naturais em prol do ideário do progresso. Sob a influência das mostras internacionais a lógica expositiva mudou nos museus e nas vitrines de lojas cidadinas (BARBUY, 2006). Todavia, o contato com a “lição das coisas” encontra antecedentes desde o século XVII, impulsionada paulatinamente pela abertura de museus (SCHAER, 1993) de interesse para o Estado Moderno e ao aparato burocrático centralizador, o que ajudou a desenvolver o comércio manufaturado, a exploração colonial e as práticas mercantilistas.

Posteriormente, as grandes exposições espalharam e propagandearam o avanço de técnicas e tecnologias, movimentaram ainda mais o comércio na malha global, carrearam mudanças estéticas e insuflaram desejos de consumo na burguesia,

em notável efeito de reprodução para alçar um modelado momento civilizatório, concebido linearmente em darwinismo cultural, como se pensava à época. Legendadas com a rubrica “internacional”, essas exposições incitaram a reprodução de modos de vida de uma sociedade produtiva e do que deveria ser o homem civilizado, inclusive no quesito da moral, que se impôs na América do Sul e na África, sob o jugo do imperialismo colonialista.

Os eventos de pretensões enciclopédicas e universalistas no século XIX, por vezes adjetivadas *Festas do Trabalho*, contavam com áreas amplíssimas, espaços e edificações planejadas na intenção de, através da visualidade, ensinar e defender a visão de um mundo em movimento com mira no adiante. Responsáveis por descortinar atualidades, e rompendo as circunscrições espaciais, esses eventos apresentavam as nações organizadas setorialmente, insuflando o espírito competitivo com base nos produtos, experimentos científicos, máquinas e equipamentos e invenções. As instalações impressionavam pelas grandes áreas ocupadas, projetos arquitetônicos dimensionados em grande escala e estilos, sob os olhares e aprovação de figuras proeminentes do mundo político, econômico, social e cultural.

A grandiosidade refletia-se nas cifras de visitação, que chegava a milhões de espectadores, posto que eram eventos dirigidos para as massas à procura de distrações e entretenimento, que ali os encontravam em opções as mais diversas: degustação de exóticas culinárias em restaurantes e quiosques; experimentação de produtos em exibição, a exemplo de charutos e bebidas; peças de vestuário, e muito mais. Enquadradas no discurso globalizante, e em suposta dinâmica intercultural de “utopia planetária”, mesmo que transitória e contingente, a expectativa era participar e presenciar essas sínteses macroscópicas da experiência humana (TRAN, 2007, grifo nosso).

O crescimento exponencial das *exposições-atrações*, lugar de demonstrações, explica-se, segundo Anne Rasmussen (1989, p.24), graças à escolha do lugar que agregaria a reunião internacional, associado à grande cidade¹, à atração do público e à atenção midiática. Hoje, consideramos essas feiras mundiais verdadeiros sucessos de *marketing* e mídia, engrossados pelo alcance das redes virtuais².

¹ Anne Rasmussen (1989, p.24) cita as cidades que de 1867 a 1900 repetiram as exposições: Paris, Viena, Bruxelas (Europa), Melbourne (Austrália), Chicago e Filadélfia (Estados Unidos da América).

² Dubai, antes da epidemia Corona C-19, seria a anfitriã da Exposição Universal em 2020, escolhida pelo Gabinete Internacional das Exposições, oportunidade para comemorar os 50 anos dos Emirados Árabes, encabeçando o lema: “Unindo mentes, criando o futuro”, com a promessa de se tornar a mais rica e tecnológica dos últimos anos, esperando visitação estimada em 25 milhões de pessoas. Disponível em: <

Uma enorme estrutura administrativa operacional, cada vez mais sofisticada e profissionalizada, acabou por instituir a “política de exposições”, reconfigurando e diversificando o modelo e, em efeito cascata, tornando os eventos verdadeiros laboratórios para a “política comercial e artística” (DEBLÜE, 2015, p.31, grifo nosso). Atualizando os esquemas de gestão, as comissões organizadoras funcionavam em estrutura hierarquizada - do país-sede para as nações convidadas - que, por sua vez, providenciavam exposições nacionais e regionais com objetivo de selecionar o que enviar, a partir de critérios classificatórios definidos pelo país promotor do evento. Às comissões cabiam inúmeras tarefas, como a de criar, modificar ou mesmo adaptar regras; definir os sistemas de júbis e recompensas assim como os critérios de seleção de expositores locais e estrangeiros; determinar os caminhos para a captação de fundos de investimentos e subvenções; indicar o lugar para edificações e expositores; estabelecer os mecanismos de controle da imprensa e propagandas; e determinar os preços para a entrada e trânsito de visitante.

Na extensa e diversificada lista de responsabilidades para realizar exposições desse porte, no âmago de projetado sistema de representação, a função classificatória aplicada aos produtos e às seções das exposições assumiu papel determinante para estabelecer a ordenação comparativa, agenciando intelectualmente os conteúdos apresentados, balizados pelo interesse e a lógica do produtor ou comerciante. Classificações e categorizações, recursos para expressar conhecimento e poder, tornaram-se motivo de debates e de ferrenhas disputas entre as nações-sede das exposições internacionais (no século XIX, particularmente, entre França e Inglaterra) (SCHROEDER-GUDEHUS; RASMUSSEN, 1992).

A face menos aparente desses espetáculos expositivos com repercussão nos museus toca as relações entre colonizadores e colonizados assim como nos mecanismos de dominação e subordinação de sociedades complexas e plurais. A declarada disputa comercial encontrava nos bastidores o nada desinteressado jogo de negociações, incluindo os de cunho simbólico, por isso mesmo, de aparência sutil, enraizado em profundos processos históricos, manipulando o que mostrar e o que ocultar, trazendo à tona estereótipos disseminados pela instância oficial e, assim, legitimados em imagens de potente apelo visual (CUNHA, 2006).

<http://www.inmesol.pt/blog/o-dubai-vai-ser-a-sede-da-exposicao-universal-2020>>. Acesso em: 11 out. 2020.

Com essa estratégia, gentes nativas de culturas colonizadas, qualificadas de primitivas ou selvagens³, tornaram-se atrações (do mesmo modo que os animais nos zoológicos, espécies nos jardins botânicos e bizarrices em circos), e argumentação fundamentada nos ideais de irmandade iluminista acomodados à fraternidade do cristianismo e relevância da ciência. Os próprios nativos exibidos (*living exhibits*), bem como seus artefatos, casas, vilas inteiras ou até ruas, criavam ilusões no observador (BARBUY, 1999), em efeito direto da equação imperialismo/nacionalismo que atravessou do século XIX para o XX em feições particulares (CORBEY, 1993). A cultura material desses povos, descontextualizada e interpretada à maneira do colonizador, inserida nos museus de história natural, passou à representação verdadeira e encheu os depósitos de objetos tangíveis, compondo o “legado colonial” que os *des-focalizou*, o que vem sendo contestado nas discussões sobre o pós-colonial (L’ESTOILE, 2008, grifo do autor).

Com efeito, as mostras universais contribuíram para estabelecer uma objetivada ordenação do mundo em franca disposição pedagógica para definir papéis manejados ou re-manejados refletidos na geopolítica, situando as metrópoles de um lado e, de outro, os “satélites” (outras nações e colônias). A ordenação pretendida, vetor de significativa importância ideológica ao ser reproduzida no espaço da mostra, hierarquizava, simultaneamente, posições políticas e os ramos da atividade humana para responder às necessidades da indústria em escala mundial. Ao Brasil, por exemplo, coube o papel de “manancial de riquezas naturais” no XIX⁴ (BARBUY, 1999, p.44, grifo nosso).

Levando em conta esse enquadramento geral que permite situar historicamente o entranhar da cultura visual relacionada ao *modo-exposição*, espalhada por todos os rincões, têm-se elementos para abordar a importância da exposição realizada na cidade do Salvador em 1923, antecedida pela participação da Bahia em dois eventos de fôlego internacional: a exposição de 1908 e a de 1922, ocorridas no Rio de Janeiro. É preciso salientar, no entanto, que exposições as mais diversas eram promulgadas pelo estado

³ Exemplificando: humanos foram expostos na Exposição Universal de Paris (1878), em pavilhão especialmente construído 400 nativos da Indochina, Senegal, Taiti de colônias francesas. Na Exposição de Columbia (EUA), em 1893, nativos de Java, Samoa, Daomei, Egito e Norte América, entre outros, em situações em que ficavam sob estreito controle (CORBEY, 1993:341).

⁴ A primeira Exposição Universal ocorreu em Londres (1851); no Império do Brasil em 1862, em Paris; em 1866 na Bahia comprovada por fontes documentais. Pedro II se empenhou na ligação das províncias criando as exposições nacionais para participar das universais alinhando o país à vertente universalista, pelos interesses exportadores, captação de investimentos e ampliação dos negócios. Internamente para delimitar fronteiras e respectivo mapeamento dos bens da terra que poderiam ser explorados; identificação dos grupos indígenas e suas produções (indústria); incrementar técnicas agrícolas tendo em vista melhorias na produção e exportação, questões reforçadas na República (CUNHA, 2010).

baiano⁵ ou por particulares⁶, quer em mostras de longa permanência quer temporariamente, para disseminar e propagandear produtos regionais, mesmo no entremeio dos eventos que tratamos aqui.

Nessa angulação pretende-se explorar aspectos da história cultural da Bahia, considerando as exposições oportunidades comunicacionais de uma modernidade pretendida, guiada por escolhas discursivas para as quais os conjuntos de produtos e artefatos ajudavam viabilizá-la, ao tempo em que a valorizava no quadro geral do país, o que soa como defesa do Estado da Bahia. Ao nos centrarmos na mostra de 1923 repassamos aqueles eventos anteriores no intento de acompanhar o eixo explicativo daquilo que foi apresentado e reapresentado na cidade do Salvador. Procuramos, com isso, destacar aspectos museográficos, narrativos e simbólicos, uma vez que reveladores de certa visão da produção baiana que atinge não só o econômico como o cultural, em se pensando no envolvimento dos sujeitos em teias de significações (representações, apropriações, práticas) em suas experiências de vida, ou seja, no horizonte das próprias condições históricas de seu tempo e nos embates pela autoridade e poder (CHARTIER, 2002).

As duas exposições antecedentes: a retórica opulência da Bahia (1908) e os produtos baianos na “ante-sala” do Paraíso (1922)

Dois eventos importantíssimos no país – a Exposição Nacional de 1908, revelando o “Brasil visto por dentro” (PEREIRA, 2011), e a universal comemorativa do Centenário da Independência, “enorme para os padrões brasileiros”⁷, em 1922 –, antecederam a Exposição de 1923 na capital da Bahia, como anteriormente sublinhado.

Antes de comentar os modos de expor e os produtos enviados para a Exposição de 1908, cabe traçar, em linhas gerais, a logística para operacionalizar essas mostras pelos mecanismos de funcionamento e seleção do que seria apresentado. Em termos de exposições propriamente dita, a despeito da permanência de alguns elementos já

⁵ A exemplo do Mostruário Permanente de Productos do Estado para promulgar melhorias na agricultura (Bahia Illustrada; (1917, no.1) <<http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=066940&pasta=ano%20192&pesq=%22exposi%C3%A7%C3%A3o%22&pagfis=238>>. Acesso em: 12 abr. 2020.

⁶ A firma Leite & Alves (fumo e folhas; cigarros) com fábrica sucursal na Bahia (na Calçada do Bonfim), Grande Premio na Exposição Nacional de 1908, deixa em exposição permanente seus produtos em majestosa vitrine (Bahia Illustrada, 1918, Edição 0003 5)<<http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=066940&pasta=ano%20192&pesq=%22exposi%C3%A7%C3%A3o%22&pagfis=101>> Acesso em: 12 abr. 2020.

⁷ A Exposição Universal do Rio de Janeiro. Disponível <<https://cpdoc.fgv.br/producao/dossies/AEraVargas1/anos20/CentenariIndependencia/ExposicaoUniversalRJ>> Acesso em: 01 jun. 2020.

existentes nas mostras do Império (CUNHA, 2010), a participação da Bahia nas duas republicanas citadas (1908 e 1922), assumiu particularidades em outro ponto sincrônico da história social e cultural do Brasil, na conjuntura da federação e em relação à situação interna do próprio Estado baiano.

No entanto, participar dessas grandes mostras nacionais requereu da Bahia agrária-mercantil⁸ voltada ao mercado externo (TAVARES, 2008), esforços materiais e humanos, em meio a crises políticas e econômicas, a exemplo da agrícola que atingiu o Recôncavo Baiano tendendo à estagnação. Dentre as crises, apontadas no contexto das exposições, a crise das remunerações dos servidores foi denunciada pelo Jornal *O Imparcial* de 03 de abril de 1922:

AS FESTAS DO CENTENÁRIO: os funcionários estaduais vão passar desembolçados dos seus ordenados.

Pouco falta para chegar o dia da comemoração do 1º Centenário da nossa Independência Política, cujas festas a se realizarem na capital do país, terão um brilho extraordinário, nunca revestido em nenhuma outra solenidade comemorativa de data nacional, no Brasil.

O dia 7, ahi está a lembrar aos de hoje ás glórias dos nossos antepassados, os que tanto souberam honrar e defender, com o próprio sangue o nome da Patria querida.

Para maior alegria dos funcionários federais, na passagem desse dia de grandes festejos, em todo o território nacional, o governo da União aumentou-lhes os ordenados, cujo aumento já se vem fazendo.

O governo de Paraíba ordenou a gratificação de 20% ao todo funcionalismo do Estado.

Imitaram-lhe o gesto de generosidade, outros Estados, estando em todos elles o funcionalismo em dia. E se tal vem se verificando é porque todos compreendem não ser de direito, mas sim deprimente e ridículo comemorar-se a passagem do nosso 1º Centenário, com festas as mais brilhantes, estando a miséria e a falta de conforto dos lares.

Enquanto isso, o governo da Bahia não move uma palha para que o funcionalismo estadual não passe o grande dia desembolsado dos seus vencimentos.

É justamente o que vai acontecer: os funcionários da capital vão festejar o Centenário com três meses de atraso o que aliás podia ser pior, dado o número de mezes que o funcionalismo do interior não vê a cor do dinheiro do Tesouro.

É vergonhoso, mas é verdade (AS FESTAS..., 1922).

Em contraponto, os investimentos nas exposições baianas mobilizavam somas consideráveis, como mostram os decretos de verbas destinadas aos eventos⁹. Em termos de estrutura, de modo similar às exposições do século XIX, as mostras das

⁸ Os principais produtos da economia baiana: cacau, fumo, açúcar, café, couros curtidos e em salmoura, peles, piaçava, pedras preciosas, cera de carnaúba, borracha e madeiras. Na indústria: fabricas de tecido e usinas de açúcar (TAVARES, 2008, p. 364 e 367).

⁹ Como a Lei n. 1.613, de 28 de maio de 1923 - abre o crédito até seiscentos contos de reis, para ocorrer às despesas com a comemoração do Centenário da Independência da Bahia, p.1/2 (BPEB, seção de periódicos raros. LEIS do estado da Bahia: do anno de 1923. Bahia: Imprensa Official do Estado, 1926).

iniciais décadas republicanas apoiavam-se em estrutura de “funil invertido” – das cidades e, a partir delas, a seleção estadual filtrava, classificava e enviava os resultados para o evento nacional. Uma comissão organizadora centralizava a administração dos recursos e planejava a distribuição dos trabalhos e das múltiplas tarefas para que o evento se realizasse¹⁰, com a missão de dar forma à imagem moderna do país. Os candidatos a expositores podiam apresentar produtos manufaturados, matérias-primas, inventos e obras de arte, ou quaisquer objetos considerados relevantes e evidências de evolução técnica, criatividade e beleza. O trecho a seguir, extraído do jornal *A Bahia*, de 3 de maio de 1908, exemplifica as aspirações dos que participavam diretamente das exposições e dos espectadores:

É grande para nós brasileiros a data de hoje.
Há pouco mais de quatro séculos a terra em que progride um povo cheio de esperanças e já digno de convívio das nações cultas, era a floresta espessa, era uma região selvagem em que os aborígenes viviam nos princípios estadios da civilização humana.
Hoje é um paiz imenso, aberto ao comércio mundial, vibrante de vida, de cidades florescentes e algumas assaz importantes, tendo como bella capital uma das grandes cidades do orbe, e vivendo sob um regimen de liberdade e de democracia (3 DE MAIO..., 1908).

Não obstante tanta esperança em levar o jovem país republicano para o patamar de nação culta e aberta ao comércio mundial, o projeto nacional era ameaçado por contradições internas e falhas na execução, cotidianamente denunciadas em sátiras pela revista *O Malho*, não poupando críticas aos problemas estruturais da capital carioca para atender à grande visitação: fornecimento de água irregular e insuficiente; escassez de alimentos nos restaurantes; hotelaria mal qualificada e cobrando preços abusivos; transportes públicos lotados, com horários irregulares; descumprimento de cronogramas na execução de obras relacionadas aos espaços da exposição, dentre outras questões.

Na mostra da Abertura dos Portos às Nações Amigas (preparatória da Exposição Internacional de Bruxelas, 1910) para o livre comércio, o projeto de modernidade parece tocar em intervenções mais profundas, incluindo a celebração da cultura capitalista e industrial, assentando bases desde o XIX. Inaugurada no bairro da Urca, Rio de Janeiro, em 11 de agosto e aberta ao público até 15 de novembro de 1908. O local escolhido ficava entre a Praia da Saudade e a Praia Vermelha, aproveitando edifícios da federação

¹⁰ Dentre as tarefas: escolha do espaço; obras de adequação do local; contratação de especialistas para a construção dos pavilhões; definição de regulamentos e lugares para apresentação dos produtos; seleção dos produtos; diretrizes para os catálogos e fotografias; distribuição dos créditos; envio do convite-convocação para os Estados.

para reduzir custos. Os edifícios da Escola Militar e da Universidade do Brasil, ambos em estado de abandono foram utilizados para a Exposição. As reformas deram forma ao atual bairro da Urca e despertou interesse em construir o teleférico do Pão de Açúcar (1912), um dos principais pontos turísticos do Rio de Janeiro. Amplamente divulgada nos jornais, celebrava, concomitantemente, a nacionalidade brasileira e a entrada de agente partícipe da economia capitalista internacional em oportunidade para mostrar o país moderno e civilizado para brasileiros e estrangeiros. O Distrito Federal, São Paulo, Minas Gerais, Bahia, Santa Catarina construíram os próprios pavilhões, apresentando as culturas locais, a produção intelectual, econômica e artística. Portugal foi a única delegação internacional que construiu edifício para a exposição (PEREIRA, 2011, p. 22, 26, 31 e 33).

A Bahia começou a organizar em 1906 sua participação na Exposição de 1908, antecedida pela preparatória na cidade do Salvador, apresentada no Liceu de Artes e Ofícios que, para atender as despesas com a exposição do Estado e posterior representação no Rio de Janeiro, necessitou de crédito extraordinário¹¹.

O pavilhão projetado para marcar a presença baiana no cenário nacional exigiu investimento considerável. O edifício, planejado em dois pavimentos, ocupou lugar privilegiado na área do evento, localizado aos pés do Morro do Pão de Açúcar e a poucos metros da Porta Monumental que abria a exposição à entrada do público. Reproduzindo o padrão das exposições como fenômenos visuais de arte informativa e formativa, a edificação foi fartamente decorada com ícones regionais¹², veiculados através do conjunto plástico composto por elementos construtivos, escultóricos e pictóricos.

O pavilhão da Bahia tinha a denominação do Estado nos frisos do grande pórtico, em posição de destaque. Entre os símbolos: as armas da Bahia; a menção aos rios S. Francisco e Paraguassú; a escultura da índia tupinambá Catarina Paraguassú, casada com Diogo Álvares, náufrago lusitano, apelidado Caramuru pelos índios - união escolhida como o mito de origem do estado brasileiro, marcando a centralidade baiana na identidade histórica nacional. No Salão de Conferências do pavilhão, duas telas: *Panorama da Bahia, visto de seu Porto*, e *A Descoberta compreendendo a visão do Monte Pascoal, baía de Porto Seguro, a Coroa Vermelha, a Terra Virgem e a*

¹¹ Decreto nº182 de 2 de agosto de 1907; na quantia de cem contos de reis - 100:000\$ (BPEB, seção de obras raras. LEIS e resoluções do Estado da Bahia no ano de 1907; Decretos do Poder Executivo do mesmo ano. Bahia: Oficinas da Empresa 'A Bahia', 1910).

¹² A empresa do arquiteto italiano Raphael Rebecchi foi contratada para a construção do Pavilhão da Bahia (PUPPI, 2010, p.642), os jardins do pavilhão pelo arquiteto paisagista Arsene Puiteman.

implantação da primeira Cruz) reforçando a síntese histórica e mítica da Bahia, berço da nação brasileira. Na cúpula: o Anjo da Vitória segurando o ramo de louros em uma das mãos e duas penas na outra, transportado do monumento em homenagem aos heróis da Batalha Naval de Riachuelo, em frente à Associação Comercial da Bahia na Praça Conde dos Arcos, Bairro do Comércio (Salvador). A execução das esculturas ficou sob a responsabilidade do escultor Rodolfo Bernadelli (nascido no México em 1852, falecido no Brasil em 1931), escultor, professor de Belas Artes, primeiro diretor da Escola Nacional de Belas Artes.

Acompanhando o estilo eclético e a voga da mistura e fusão de linguagens arquitetônicas trazidas por profissionais estrangeiros, o pavilhão da Bahia se enquadra em edificação rica em detalhes decorativos – colunas, frisos, estátuas e vitrais – (Figura 1). Com esses elementos criou a versão retórica da história factual e oficial desse Estado federativo, materializando, através de elementos plásticos visíveis, uma narrativa de diversas temporalidades na intenção de apresentá-las em perfeita conexão com o passado cívico, glorioso e sempre progressista, o presente de uma terra organizada, bem governada e próspera, e as possibilidades futuras, apto, portanto, para receber investimentos e imigrantes (CUNHA, 2018).



Figura 1 – Pavilhão da Bahia na Exposição de 1908. Fonte: *iBahia blogs* - <https://blogs.ibahia.com/a/blogs/memoriasdabahia/2013/04/12/o-incrivel-estande-da-bahia-na-exposicao-nacional-do-rio-de-janeiro-de-1908/>. Acesso em: 19 Set. 2020.

O majestoso edifício, dotado internamente de sala para conferências, emoldurava os produtos apresentados em mobiliário sofisticado e vitrines em madeiras nobres e vidro, tornando-os atraentes para apreciação e vendas.

Fato é que a definição do apresentado dependia do posicionamento de políticos e elites econômicas (e intelectuais que integravam aqueles grupos sociais), compondo a comissão para o evento e, nesse ponto, ainda que se considere a possível “circularidade cultural” impondo trocas culturais de baixo para cima e de cima para baixo, entre o plano dominante e o subalterno (GINZBURG, 1987, p.13, grifo nosso), vale notar o embate simbólico entre as categorias sociais separadas em campos delimitados por distinções diferenciadas (BOURDIEU, 2007). Referimo-nos, em termos de presença e produção, ao silenciamento dos trabalhos das negras confeccionadoras dos charutos das fábricas do Recôncavo Baiano; dos afro-descendentes nos artefatos em metal (ferro e bronze) de artífices vinculados à Sociedade e ao Liceu de Artes e Ofícios na cidade do Salvador (REIS, 2006); dos índios, nos inúmeros trançados em palha em técnicas que se perdem no tempo. Rinaldo Leite faz a seguinte afirmação: “As elites [bairras], definitivamente, não queriam ver exposta a face negra da nossa formação étnica e social como símbolo e imagem legítimos do Estado” (LEITE, 2012, p.228).

Voltando mais especificamente aos produtos apresentados no pavilhão baiano e o arranjo da distribuição interna, conta-se com o testemunho de imagens fotográficas para aquilatar o que representava a produção da Bahia: por todo o canto, matérias-primas da Bahia e as de manufatura – “1000 Amostras” – nem sempre com indicações de quem as executavam (Figura 2). Poderia-se apreciar charutos produzidos pela fábrica Costa, Ferreira e Penna das lavouras fumageiras do Recôncavo Baiano, produto que alavancou a economia dos municípios de Maragogipe, Cachoeira, São Félix e Muritiba; trabalhos de artesãos e empreendimentos familiares (como flores e folhagens artificiais); amostras de fibras naturais e exemplares de várias peças manufaturadas seguindo técnicas tradicionais de trançado (bolsas, cestaria no formato de pratos, baús, potes, cuias, outros); madeiras (para a construção naval, cercas, construção de edifícios, embalagens, lenha); engenhocas, redes, telas; garrafas com licores; piaçavas; borrachas; miniaturas de embarcações à vela; peles de animais selvagens; amostras de peixes e animais silvestres; produtos alimentícios (frutas da região, farináceos, bebidas); artigos de comerciantes tradicionais da cidade do Salvador, como boticários, artigos de couro e outras de tocador feminino. Nas artes, quadros selecionados com motivos históricos, pinturas decorativas, tecidos, esculturas.



Figura 2 – “1000 Amostras” - Estado da Bahia: interior do pavilhão na Exposição Nacional de 1908. Fonte: Biblioteca Digital Luso-Brasileira http://objdigital.bn.br/objdigital2/acervo_digital/div_iconografia/icon837777/icon837777.jpg. Acesso em: 19 Set. 2020.

Por sua vez, os catálogos impressos registravam narrativas positivas instituídas pelas exposições. Instrumentos de consulta e para dar a conhecer, os impressos (inclusive boletins¹³) propagavam aspectos afirmativos sobre a evolução técnica, científica e social em estratégias de comunicação impressa de lógica distinta daquela que alcançava o olhar. Infere-se que, destinados à clientela específica, visavam cativar e estabelecer parcerias comerciais e trocas técnicas pela apresentação de dados econômicos, sociais, de produção e da estrutura da máquina pública, tabelas e estatísticas.

No conjunto das fontes consultadas verificamos que o apresentado, as fotografias e os impressos, confirmam o objetivo de adesão ao projeto de modernidade e prosperidade por parte dos representantes do Estado da Bahia no emblemático pavilhão ocupando 450m². Os produtos dominavam o cenário expográfico, mesmo que em tempo efêmero, para representar o desenvolvimento e ampliar o comércio com

¹³ IGHB, arquivo histórico. BOLETIM comemorativo da Exposição Nacional de 1908. Rio de Janeiro: Typographia da Estatística, 1909, p.31.

novos parceiros, propagandeando a Bahia opulenta, sem crises, contradições ou conflitos na ordem republicana.

A Exposição do Centenário da Independência, aberta em 07 de setembro de 1922¹⁴, lembrando a data magna do país¹⁵, momento chave para dialogar com as questões de identidade nacional (MOTTA, 1992, p.2), contou com a participação de todos os estados da federação e 15 países convidados (Argentina, Estados Unidos da América, Japão, França, Grã-Bretanha, Itália, México, Dinamarca, Noruega, Tchecoslováquia, Bélgica, Portugal, Chile, Suécia e Holanda). A Bahia se apresentou com 433 expositores (SANT'ANA, 2008)¹⁶, integrando a ampla mostra dos produtos brasileiros (divididos em seções, classes e subclasses)¹⁷ fator que, certamente, alterou o modo de apresentação, reiterando, mais uma vez, as intenções de amplificação do mercado.

Com entrada principal pela Avenida Rio Branco, ultrapassando o portal de 33 metros de altura, o visitante teria 2.500 metros para percorrer os pavilhões grandiosos, ocasião para fixar na medalha oficial (bronze) alegorias alusivas à Independência (Figura 3).

¹⁴ No caso brasileiro, o ano de 1922 pode ser considerado paradigmático, na medida em que concentrou acontecimentos consagrados pela historiografia como marcos fundadores de um "novo" Brasil, distinguindo-o do passado, caso da Semana de Arte Moderna, opondo-se à cultura e arte conservadoras (Semana de Arte Moderna. Enciclopédia Itaú Cultural. Disponível <<https://enciclopedia.itaucultural.org.br/evento84382/semana-de-arte-moderna-1922-sao-paulo-sp>> Acesso em: 01 Jun. 2020. Para além do evento artístico, outros movimentos corriam internamente procurando avançar e fluir em direção à modernização Exemplo foi o "entusiasmo pela educação" quando o educar assume centralidade na construção e consolidação da República (MOTTA, 1992, p. 30).

¹⁵ A comemoração do Sete de Setembro requereu esforço do regime republicano brasileiro para garantir sua legitimidade pela associação com a dinastia dos Bragança (MOTTA, 1992, p.12-13).

¹⁶ Grupos: Educação e Ensino; Instrumentos e processos gerais das letras, das ciências e das artes; Material e Processos gerais da mecânica; Eletricidade; Engenharia civil e meios de transporte; Agricultura; Horticultura e arboricultura; florestas e colheitas; Indústria alimentar; indústrias extrativas de origem mineral e metalurgia; Decoração e mobiliário dos edifícios públicos e das habitações; Fios, tecidos e vestuário; Indústria química; Indústrias diversas; Economia social; Higiene e assistência; Comércio; Economia geral; Estatística; Forças de terra e mar (SANT'ANA, 2008, p. 48-49):

¹⁷ A exposição de 1922 foi dividida em seção nacional, ocupando áreas distintas (antigo Arsenal de Guerra, Mercado Municipal e área na Praia de Santa Luzia) e seção estrangeira na Avenida das Nações (SANT'ANA, 2008, p.62).



**BRAZIL - 7 Setembro - 1822-1922 /
INDEPENDÊNCIA OU MORTE**

Significado da imagem: “Numa praia do Rio de Janeiro, com o Pão de Açúcar ao fundo e o sol do amanhecer no horizonte a jovem nação agradece de joelhos à deusa Nike, ou Vitória, por ter rompido os grilhões coloniais.”



Reverso – Significado da imagem: “Alegoria da República sentada sobre fardo de mercadorias, coloca coroa de louros sobre a cabeça de produtor premiado na exposição. Ao fundo, fachadas de pavilhões da Exposição Universal do Centenário no Rio de Janeiro em 1922.”

Figura 3 – Medalha oficial da Exposição Internacional 1922-1923. Fonte das imagens:

Goulart Gomes – Museu das Medalhas Brasileiras. Fonte do texto sobre significados:

GALLAS, Alfredo & GALLAS, Fernanda, 2016, p.181. Disponível

< <http://www.museudasmadalhas.com.br/search/label/D%C3%A9cada%201920>>. Acesso 20.09.2020.

No escopo da propagandeada “ante-sala do paraíso”, “bazar das maravilhas” ou “vale de luzes”, conotando admiração e contemplação que a imprensa tratou de disseminar (MOTTA, 1992), a representação da Bahia ficou inserida entre as 25 seções¹⁸, exibindo as principais atividades econômicas¹⁹ e sociais do país, que contou com grande afluência de visitantes.

Durante a etapa de preparação chegavam à cidade do Salvador, para apreciação e seleção, uma quantidade enorme de volumes de várias regiões do Estado da Bahia, enviados posteriormente ao Rio de Janeiro:

O dr. Pedreira Franco, presidente da Comissão de Representação da Bahia na Exposição Internacional da Independência, enviou à Comissão Organizadora da referida Exposição, no Rio, por intermédio de seu delegado aqui, dr. Gratulino Melo, mais de quarenta e um volumes (41), que juntos aos duzentos e oitenta e um (281), já remetidos, perfazem trezentos e vinte e dois (322), contendo, ao todo, três mil duzentas e setenta e oito (3.278).

¹⁸ Visitação de 14.000 pessoas num só dia; 175.000 pessoas no fraco mês de fevereiro (MOTTA; 1992, p. 67/8)

¹⁹ Entre o início do regime republicano e a Primeira Guerra Mundial, o Brasil era país pobre comparado aos vizinhos latino-americanos e desempenho insatisfatório nas primeiras décadas da República, atrasado em termos educacionais, destino principal de imigrantes e de capitais europeus, contando com relativa diversificação interna da economia e certo desenvolvimento dos setores secundário e terciário; considerado a “maior nação exportadora de café e borracha” (FRANCO & LAGO, 2012, p.200).

Continuam a chegar do interior muitos produtos. Segundo telegrama do intendente de Belmonte ao dr. Pedreira Franco, o vapor 'porto seguro' trará amanhã doze (12) volumes grandes (EXPOSIÇÃO..., 1922.

O que chegasse à cidade do Salvador era publicado nos jornais: produtos agrícolas, pedras preciosas e semipreciosas, amostras de madeiras, manufaturas, objetos utilitários, trabalhos manuais pelas mãos de “senhorinhas”, como a *corbeille* decorada com flores, um “mimo de arte”, anunciada pelo *O Imparcial* em 01 de agosto de 1922. O mesmo periódico informava, em outros dias, a chegada e conteúdo dos volumes: cereais, fumo, fibras, resinas, óleos, tecidos trabalhados artesanalmente e tudo o que a indústria, lavoura, artistas, inventores²⁰ poderiam representar para o progresso e “adiantamento, de cultura que ela atingiu, ao comemorarmos o 1º centenário da independência do Brasil” (O IMPARCIAL, 30.08.1922). A *concorridíssima* exposição preparatória na capital baiana realizou-se no pavimento térreo do Palácio do Governo, com mostruário “rico e variadíssimo”, de destaque entre os expositores no Rio de Janeiro, nem

a 4ª parte do que Ella [Bahia] vai apresentar no grande certamen como testemunho do nosso progresso, das nossas possibilidades econômicas.

O que ali será exposto não corresponde às proporções do grande mostruário bahiano, cuja maior parte ainda não veio ter as mãos da respectiva missão.

O mostruário apresentou *magnífico aspecto*, e as duas seções de minerais e de madeiras estão excelentes (A BAHIA..., 1922, grifo nosso).

A notícia salienta, sobretudo, a dimensão econômica dos objetivos da mostra, naquele momento representados por produtos extrativos (minerais e madeiras). O *magnífico aspecto* dá relevo ao protagonismo das coisas, assim, na expectativa do impacto visual gerado pela quantidade do apresentado.

Importa destacar aspectos do panorama de produtos enviados para o Rio de Janeiro, uma vez que comporiam, no ano seguinte (1923), a mostra da *Exposição da Verdadeira Emancipação*, realizada no Palácio da Aclamação, em Salvador. Iniciamos com observações sobre o conjunto de fotografias documentais identificadas no Instituto Geográfico e Histórico da Bahia, fontes de pesquisa por nós utilizadas.

²⁰ Inventos: uma turbina reversível do Sr. Leocádio Dias *adaptada a uma lancha construída nas oficinas da Navegação Bahiana*, e o hidroplano Pinheiro, do engenheiro Oscar Rabello (*O Imparcial*, 30 de agosto de 1922).

Nota sobre as fotografias da Exposição da Verdadeira Emancipação do Arquivo do Instituto Geográfico e Histórico da Bahia (IGHB)

Durante a pesquisa, localizamos no Arquivo do IGHB um conjunto de 24 fotografias, emolduradas em papel cartão, com marcas de desgaste pelo tempo, mas em bom estado de conservação, porém, sem dados de doação que pudessem esclarecer sua chegada ao Instituto ou, ainda, informações sobre a tiragem das fotografias. Estão identificadas da seguinte maneira: na borda superior (etiquetas coladas), o registro sobre o evento comemorativo, o objetivo da exposição (produtos baianos), data e ano (2 de julho 1923) e o nome do estado (informação replicada e colada em etiqueta na parte superior de cada foto) (Figura 4). Na borda inferior, abaixo da imagem retratada, etiqueta identificando a seção à qual pertenciam os produtos (Figura 5).



Figura 4 – Etiqueta da borda superior. Conjunto de fotografias do IGHB. Foto: Cinthia da Silva Cunha, 2018

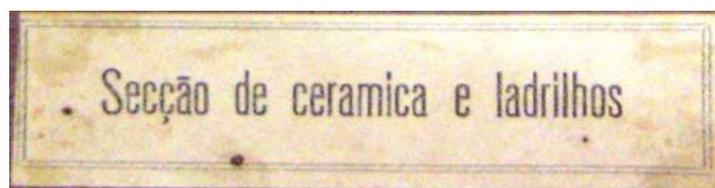


Figura 5 – Etiqueta da borda inferior. Conjunto de fotografias do IGHB. Foto: Cinthia da Silva Cunha, 2018

Essas fotografias correspondem, de acordo com a identificação e com declaração do então governador do Estado, José Joaquim Seabra (1855-1942)²¹, em Mensagens à Assembleia em 1922²² e 1923²³, aos produtos expostos em 1923, parte, portanto, da Exposição baiana de 1922 levada ao Rio de Janeiro.

²¹ Sobre J.J. Seabra consultar o Verbetes JOSE JOAQUIM SEABRA - FGV/CPDOC < <https://www.fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbete-biografico/jose-joaquim-seabra> > Acesso 06.04.2020

²² MENSAGEM apresentada a Assembleia Geral Legislativa em sua 1ª reunião da 16ª Legislatura pelo Dr. José Joaquim Seabra (governador). Bahia: Imprensa Oficial do Estado, 1922. Disponível em: < <http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=872989&Pesq=exposi%c3%a7%c3%a3o&pagfis=3554> >. Acesso em: 20 set. 2020.

²³ MENSAGEM apresentada a Assembleia Geral Legislativa em sua 1ª reunião da 16ª Legislatura pelo Dr. José Joaquim Seabra (governador), Bahia: Imprensa Oficial do Estado, 1923 Disponível em: <

As imagens são assinadas por Trajano Dias (T. Dias) que, por encomenda do Governo do Estado, registrava as festas públicas²⁴. Ao que tudo indica, a preocupação do fotógrafo, como profissional encarregado de cobrir o evento no Rio de Janeiro e na Bahia, foi a de registrar, em primeiro plano, em vistas amplas e panorâmicas, os espaços, as vitrines e a distribuição dos produtos nas salas de exposição. Exemplificamos com duas imagens do conjunto: uma da “Secção de farinhas, féculas, massas alimentícias, café e cacau” (Figura 6), e a outra do “Campo de Experiências e Demonstração Antonio Moniz” (Figura 7).



Figura 6 – “Secção de farinhas, féculas, massas alimentícias, café e cacau”. Fonte: Figura 1. Acervo IGHB fot3811.

Os produtos agrupados em seções, a exemplo da de cereais, plantas medicinais, resinas, óleos, plantas oleaginosas; farinhas, féculas, massas alimentícias, café e cacau; a de modas, confecções, prendas e bordados, dentre outras, ajudavam a pontuar a mensagem visual, repassando a ideia de composição organizada e profusa em quantidades. A imagem da “Secção de farinhas, féculas, massas alimentícias, café e cacau” (Figura 6) sugere nitidamente a exaltação das riquezas naturais da Bahia, terra em que as variadas espécies de produtos agrícolas podiam ser produzidas. Em complemento, a chamada nos painéis para manter o abastecimento interno, questão

<http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=872989&Pesq=exposi%c3%a7%c3%a3o&pagfis=4310>>. Acesso em: 20. set. 2020.

²⁴ Trajano Dias produziu amplamente entre os anos de 1916 e os anos 40. Mais conhecido como retratista, seu estúdio localizava-se em S. Pedro, nº4, Bahia, até 1925 e daí, até 1942, na rua São Bento, 32. Em 1948 abriu uma filial no Rosário associado a F. Molinari. Encerrou a carreira fechando a matriz em 1949. Faleceu por volta de 1960 (ALVES, 2006, p. 60-61).

presente desde o século XIX pelas crises periódicas nas quais a população sofria com a exportação de produtos de primeira necessidade.

Seções como a “Campo de Experiências e Demonstração Antonio Moniz” (Figura 7), em homenagem ao famoso herborista Antonio Moniz de Souza (1782-1857), que cruzou terras brasileiras no século XIX²⁵, destaca o investimento na ciência pelo:

estabelecimento agrícola [fundado em 22 de junho 1919] destinado a *ensaios e investigações de culturas com a feição utilitária* de distribuir gratuitamente sementes e mudas selecionadas e propagar com os resultados de suas experiências lições e conselhos sobre os melhores métodos de trabalhos de lavoura²⁶ (grifo nosso).

A tabela indicava os experimentos e variedades de feijão, milho, bananas e outros e apresentava explicitamente dados informativos. A notar que a crise de várias facetas desse setor econômico (técnica, dos lucros, falta de braços) foi preocupação das elites e governos desde a segunda metade do século XIX até as primeiras décadas do século XX. A mostra e as informações realçam o reverso de uma conjuntura em crise, ao veicular positivamente as atividades no campo, além de apresentar o Brasil (e a Bahia) como fonte de riqueza natural que podia ser usada em benefício da humanidade.

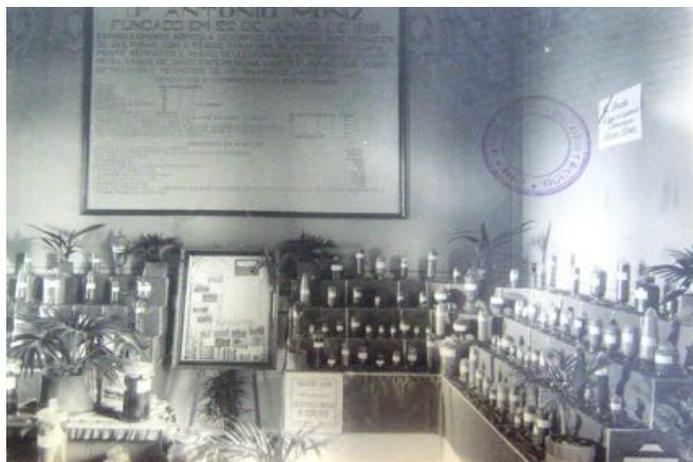


Figura 7 - “Seção do Campo de Experiências e Demonstração Antonio Moniz”. Fonte: Figura 2. Acervo IGHB fot3797

De uma seção a outra, incluindo talentos manuais e materiais artesanais (na classificação geral da exposição de 1922, seção do subgrupo das Várias Indústrias

²⁵ Antonio Moniz de Souza, nascido em 1782 numa família de agricultores no termo da vila de Lagarto, Bahia (em 1823 a vila passou a fazer parte da província de Sergipe). Vaqueiro, comerciante e militar. Em 1807, noviço do Convento Santo Antônio, recebeu lições de botânica, participou de excursões para observar e catalogar plantas com possíveis propriedades terapêuticas. Em 1812, saindo do Convento, se tornou herborista, colhendo plantas medicinais para médicos, farmacêuticos e boticários. Personalidade grada aos governantes, foi à Europa para estudar botânica com apoio e financiamento de várias personalidades da elite Imperial. (SANTOS, 2008; p. 33).

²⁶ Texto extraído da imagem da fig.7. Acervo IGHB, Arquivo Histórico.

englobando os mais variados tipos de atividades econômicas), o apresentado nas seções citadas e outras procurava emoldurar a melhor imagem da Bahia, perfilada ao desenvolvimento de modernização do país.

Vejamos, em seguida, as intenções precedentes – ocorridas ou não –, que alimentaram a ideia da exposição de 1923, caso de uma pretendida mostra que estreitaria os laços entre a Bahia e Portugal.

A tentativa de elaboração da Exposição de 1923: a Exposição Luso-Bahiana

Em Mensagem de 7 de abril de 1923, intitulada *A Comemoração do Centenário da Independência*, o então governador do Estado da Bahia, J. J. Seabra, declarou que o centenário de 7 de Setembro fora celebrado com “carinho” e prometeu continuidade para festejar o “termino das luctas libertarias da Bahia, a de 2 de Julho vindouro”. Considerando as festividades baianas mais significativas, o governador classificou a exposição nacional como prelúdio do que aconteceria na Bahia, ponto de convergência reconhecido pelos olhares de todos e aos quais se deveria deferência, pois procurada “por todos aquelles que, de direito, serão convidados para tomar parte nas homenagens aos nossos maiores”. O discurso elaborado para dar suporte argumentativo à exposição estadual coloca a Bahia sobreposta às exposições nacionais – e mais –, fator de ligação com a população através de fortes sentimentos de pertencimento – dos humildes cidadãos aos luminares políticos e econômicos – uma vez, disse ele, que todos compartilhavam do orgulho cívico despertado pelo Dois de Julho, muito significativo para os baianos. Não sem razão, paralelamente a 7 de Setembro de 1822, o Dois de Julho de 1823 é evocado como o “dia Maximo daquela grande lucta”, e o Norte, o “laboratório da raça brasileira”²⁷.

Apesar de o dia 02 de julho ser data de celebração da expulsão de lusitanos simpatizantes da monarquia do Estado da Bahia, é curioso observar que os planos para comemorar a “Independência da Bahia” começaram com a ideia do Sr. Moura Bastos, comerciante português abastado, residente em Salvador, de realizar uma exposição Luso-brasileira: a Bahia, em canal direto com Portugal, promoveria a exposição. Em reunião ocorrida na sua residência, Moura Bastos começou a articulação pela

²⁷ *O Papel da Bahia na Independência Nacional*, assinado por Lemos de Britto (Bahia Illustrada, 1918/edição 0008/1. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=066940&pasta=ano%20192&pagfis=378>>. Acesso em: 04 abr. 2020.

Exposição. Nessa reunião, outras 28 ‘casas’²⁸ firmaram compromisso pela realização do evento.

O jornal *O Imparcial*, em 20 de julho de 1922 noticiou que 738 (setecentos e trinta e oito) expositores assinaram boletins de adesão ao projeto, mas, até aquela data, apenas setenta e um haviam indicado o destino dos produtos expostos nos boletins de remessa após o encerramento da Exposição de 1922. Dentre os 71 (setenta e um), 56 (cinquenta e seis) ofereceram os produtos à Comissão da Exposição Nacional, e o restante a particulares e instituições. Aos produtos doados à Comissão Nacional e aos que ficaram no espaço expositivo cabia ao governo federal dar o destino que lhe fosse conveniente. O noticiário sugere ainda que o governo estadual deveria pedir oficialmente ao governo federal a remessa dos acervos que compuseram o ‘mostuário bahiano’ de volta ao estado.

Dois dias depois (22 de julho), o mesmo periódico noticia o envio de circular para Portugal com a sugestão do evento, com o objetivo de estreitar os laços diplomáticos e comerciais e, com isso, sobressair o Norte do Brasil:

O autor da ideia tem a bem declarar que o motivo determinante da mesma era estreitar os laços entre Portugal e a primogênita do Brasil, aproveitando a oportunidade dos entusiasmos que aqui explodiram à passagem dos dois heróis lusos Gago Coutinho²⁹ e Sacadura Cabral³⁰, os quase divinos embaixadores do azul.

Visa ainda a ideia tornar mais conhecidos o norte do Brasil, de que esta cidade e emporio, os progressos realizados pela industria portuguesa destes ultimos anos.

A praça da Bahia, de tradições de honestidade inatacável, que, através da crise porque passa o Brasil, tem sabido resistir galhardamente às dificuldades que tem abalado outros centros comerciais, merece que,

²⁸ No trecho do documento transcrito não fica claro se as referidas ‘casas’ são famílias portuguesas ou casas comerciais de portugueses sediadas na Bahia.

²⁹ Carlos Viegas Gago Coutinho (1869-1959) nasceu em Lisboa, filho de José Viegas Gago Coutinho e de Fortunata Maria Coutinho. Em 1886 entrou para a Escola Naval e em anos posteriores foi promovido a capitão do mar e guerra. Trabalhou para a Comissão de Cartografia. Em meados de 1919, incentivado por Sacadura Cabral, dedicou-se ao desenvolvimento dos métodos de navegação aérea. Voaram juntos pela primeira vez em 1917; realizaram diversas viagens, incluindo a primeira viagem aérea entre Lisboa e Funchal (1921), aperfeiçoando os métodos de observação. Sacadura Cabral planejara a viagem aérea ao Brasil por volta da comemoração do centenário da independência em 1922. Gago Coutinho voltou-se para a resolução dos problemas da navegação aérea sem pontos de referência à superfície, culminando com a realização da viagem aérea entre Lisboa e o Rio de Janeiro naquele ano. Disponível em: <<http://cvc.instituto-camoes.pt/ciencia/p25.html>>. Acesso em: 13 out. 2020.

³⁰ Artur de Sacadura Freire Cabral nasceu a 23 de maio de 1881 em Celorico da Beira, filho de Artur Sacadura Cabral e de Maria Augusta da Silva Esteves. Após os estudos primários e secundários assentou praça em 10 de Novembro de 1897 como aspirante de marinha. Frequentou a Escola Naval e foi o primeiro classificado do seu curso. Promovido a segundo-tenente em 27 de abril de 1903, a primeiro-tenente a 30 de setembro de 1911, a capitão-tenente em 25 de abril de 1918 e, por distinção, a capitão-de-fragata em 1922. Em 1907 chegou a Moçambique em missão geodésica com Gago Coutinho como chefe. No desempenho de missões geodésicas e geográficas, trabalharam juntos de 1907 a 1910, e revelou competência como geógrafo, astrônomo e organizador. Em 1921 realizou com Gago Coutinho e Ortins de Bettencourt a viagem Lisboa-Madeira, para experiência dos métodos e instrumentos criados por ele e Gago Coutinho para navegação aérea que, em 1922, vieram a ser comprovados durante a 1ª travessia aérea do Atlântico Sul. Disponível em: <<http://cvc.instituto-camoes.pt/ciencia/p28.html>>. Acesso em: 13 out. 2020.

a industria e o comércio portugueses venham honrar com a sua presença em mostruários, que servirão de início de uma nova era de transações entre a Bahia e o velho Portugal (A EXPOSIÇÃO..., 1922).

Segundo a notícia, a exposição luso-bahiana teve adesões importantes, dentre elas a do IGHB, de parte da indústria e da imprensa local. A circular, reproduzida pelo jornal, apelava para o “Comércio e à Indústria de Portugal, para que consintam que, encerrada a ‘Exposição Nacional’ os seus produtos expostos sejam para aqui transportados gratuitamente, ou enviem outros novos, auxiliando assim tão nobre e útil empreendimento”. Não temos indícios da ocorrência dessa exposição em Portugal, mas, podemos observar que os elos entre o Estado da Bahia e a antiga metrópole se mantinham e que a celebração da Independência se fez sem ênfases na ruptura do regime, em oscilante discurso de tom até nostálgico com a herança cultural lusitana.

Não obstante o empenho, a ideia enfrentou alguns obstáculos que atrapalharam a realização, começando pelo atraso na resposta dos expositores e na impossibilidade de devolver à Bahia os acervos expostos na Nacional de 1922. Muito do que havia no mostruário baiano ficou no Rio de Janeiro. De acordo com reportagem do *Diário de Notícias*, ao tempo em que conquistava ‘prosélitos’, ou seja, simpatizantes, a exposição luso-bahiana sofria com o destino confuso e ou incerto dos produtos:

Alguns determinam a entrega, após a Exposição, a pessoas residentes no Rio. São poucos o que isso fazem. Outros, porém, oferecem seus produtos ao Ministério da Agricultura, para o seu Mostruário permanente. Ainda outros e é a maioria, dedicam-nos à comissão organizadora. Uns oferecem suas amostras ao Instituto Histórico da Bahia. Até para distribuição gratuita na Exposição, há produtos. É o que sucede quanto aos produtos farmacêuticos de Olímpio Teixeira de Carvalho, industrial baiano (PARA ..., 1922).

Cada produtor habilitado a expor no evento nacional deveria mandar junto com os produtos um boletim de remessa (assinados pelos produtores e revisados pelos delegados dos Estados), dele constando:

Informações sobre os mesmos, conforme sejam eles da seção de Agricultura, (produtos agrícolas, indústrias extrativas de origem mineral, vegetal); seção de Varias Industrias e de Comércio, informações sobre transporte e SOBRE O DESTINO A SER DADO AOS MOSTRUÁRIOS, 'VITRINES' E PRODUTOS. (PARA..., 1922, grifo do autor).

Mesmo com os dispositivos de controle criados pelas comissões organizadoras a destinação dos produtos remanescentes da Exposição Nacional foi diversificada. Ainda que a exposição luso-bahiana fosse abandonada devido aos problemas e

complexidade da empreitada, uma exposição seria levada adiante para completar as festividades e eventos relacionados ao Centenário da Independência da Bahia.

A Exposição da Verdadeira Emancipação e a construção da retórica republicana

A *Exposição da Verdadeira Emancipação*, assim batizada pelo governador J. J. Seabra, governador no período de 1920 a 1924, começou a ser pensada em 1919, portanto, em gestão anterior³¹. Do programa constariam festividades na capital e no interior do Estado envolvendo: uma parte literária (com os trabalhos impressos selecionados e datados desde 1823) nos diversos ramos do conhecimento; a construção de três (“modestos”) monumentos comemorativos (em Cachoeira, Itaparica e na capital, Salvador), citando o busto do General Pedro Labatut no Largo da Lapinha (Salvador) para lembrar os heróis de 1823; a inauguração da parte pronta da estrada ligando a capital à cidade de Feira de Santana; a primeira exposição de pecuária baiana; a de documentos históricos; um congresso para discutir melhoramentos urbanos.

As escolhas para a celebração do Centenário da Independência Baiana³² abrem a possibilidade de apreender a retórica aplicada ao evento cívico regional, o que não o afasta do nacional. Lê-se no *O Imparcial* de 13 de setembro de 1922:

Os festejos grandiosos do centenário do Brasil estão a despertar à Bahia inteira, a lembrança do centenário do 2 de julho que, sobre ser a maior data baiana, é aquela em que verdadeiramente se realizou o grande ideal brasileiro da liberdade (O CENTENÁRIO..., 1922).

Não obstante o vínculo ao nacional, uma marca distintiva faz a diferença fundamental: a busca pela centralidade da Bahia – ‘berço da nacionalidade’ – na representação histórica do Estado que expulsara os últimos simpatizantes da Coroa portuguesa. Momento em que o discurso, pautado entre a memória e a história, se fazia premente – e conveniente aliado – ao contar com a produção de intelectuais do período,

³¹ J. J. Seabra manteve a comissão executiva para os festejos gerais do centenário escolhida no governo de Antônio Muniz Sodré de Aragão (1916-1919), formada pelo historiador Braz do Amaral; o romancista Xavier Marques; Theodoro Sampaio engenheiro; Bernardino de Souza, acadêmico; Pimenta da Cunha, médico, todos sócios do IGH (ALBUQUERQUE, 1999, p. 117). O historiador e Secretário do Interior Braz do Amaral na condição de presidente da Comissão; Dr. José Pinho elaborou o programa das festividades publicado no Diário Oficial de 15 de novembro de 1919.

³² O primeiro centenário da Independência do Brasil foi festejado, em 1923, por outros estados da federação. Consultar: SILVA, Laila Pedrosa da. “COM GRANDE JÚBILO, JUSTO ENTUSIASMO E ORGULHO VOS APRESENTO O PRIMEIRO CENTENÁRIO DA INDEPÊNDENCIA”: o Piauí na Exposição Estadual de 1923. In **Estilhaços da Memória**. O Nordeste e a reescrita das práticas museais no Brasil (org. Clovis Carvalho Britto; Marcelo Nascimento Bernardo da Cunha; Suely M. Cerávolo). 1ª. Ed. Goiânia: Editora Espaço Acadêmico: Salvador [BA]: Observatório da Museologia na Bahia [UFBA/CNPq], 2020, p.286-303. Disponível em: <https://repositorio.unb.br/bitstream/10482/39425/1/LIVRO_EstilhacosMemoria.pdf>. Acesso em: 11 out. 2020.

elaborando a narrativa heróica da origem e da cultura baianas em defesa da grandeza perdida entre crises econômicas e sociais, mas que estava ali, como potência e promessa de futuro e como saudade celebrada no Dois de Julho.

Publicações, documentos históricos, desfiles e exposição compunham os elementos do discurso saudosista, das promessas de desenvolvimento e do culto ao passado, imbricados às celebrações, ocasião para juntar manuscritos e publicações “dos conventos e outros artigos”, à guerra da Independência, o teatro, a medicina e artes na Bahia³³. *O Imparcial* se encarregou de relatar o andamento dos trabalhos a serem lançados no Centenário (em 13 de setembro de 1922).

O governo providenciava o retorno dos produtos baianos expostos no Rio de Janeiro para uma exposição que permaneceria “durante os dias em que durar a Comemoração”, além de festejos propriamente populares³⁴. A Mensagem na voz oficial do Estado refletia a sintonia entre dois sentimentos opostos que atingiam os baianos: o de declínio nos tempos republicanos e a esperança em “ressuscitar a história naquilo que trazia de mais emblemático das pretensas qualidades baianas” (LEITE, 2012, p. 337), ou seja, as glórias do passado. Na mensagem de 1923, o governador J. J. Seabra condensa em poucas linhas as matrizes discursivas do evento:

Transcorre este ano a data centenária em que se realizou a independência nacional, passando-se aqui na Bahia os fatos mais notáveis dela.

A campanha da independência, tendo como epílogo a expulsão das tropas metropolitanas, fez real a emancipação política do Brasil, pelo que não pode o povo bahiano deixar de ter legítimo orgulho por este período de sua existência.

Os altos designios da providência que permitiram fosse a terra da Bahia que primeiro recebesse o símbolo do Cristianismo, também a constituiu a primeira, no sacrifício e no valor para a libertação do jugo europeu. Em vista destes ponderosos motivos, desde o Governo do seu antecessor, foi organizado uma comissão para se encarregar de

³³ Personalidades como Theodoro Sampaio, José Pinho, Bernardino de Souza (historiador), membros da Comissão, associados ao IGHB como Sílio Boccanera (Teatro) e Manuel Querino (Artes) contribuiriam com memórias. Nota-se igualmente que uma série de publicações de autores posicionados socialmente reforçam o compromisso com os feitos baianos, a exemplo de **Miguel Calmon Du Pin e Almeida** (*A Batalha de Pirajá: 8 de novembro de 1822*. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1923. 48 p. map; o *Relatório dos trabalhos do Conselho Interno de Governo da Província da Bahia*. Rio de Janeiro: Typographia Nacional, 1923. 49 p.); **Braz do Amaral** (*História da Bahia do império à república*. Bahia: Imprensa Oficial do Estado, 1923. 379 p.); **Ruy Barbosa** (*Orações do apóstolo*. Rio de Janeiro: Revista de Língua Portuguesa, 1923. 250 p.); **Francisco Borges de Barros** (*Diccionario Geographico e Histórico da Bahia*. Bahia: Imprensa Oficial do Estado, 1923. 388 p.); **Sílio Boccanera Jr** (*Autores e actores dramáticos bahianos em especial: biographias*. Bahia: Imprensa Oficial do Estado, 1923. 488 p.); **Christiano Muller** (*Memória histórica sobre a religião na Bahia: 1823 - 1923*. Bahia: Imprensa Oficial do Estado, 1924. 287 p. il.); **Gonçalo Muniz** (*A medicina*. Bahia: Imprensa Oficial do Estado, 1923. 115 p. Miscelânea 4.)

³⁴ *A comemoração do Centenario da Independencia na Bahia* (s/autor; s/ pagina). Disponível em: <<http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=066940&pasta=ano%20192>> Acesso em: 08.04.2020, p. digitalizada 34 Hemeroteca da Biblioteca Nacional - <http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=720887x&pasta=ano%20192>. Acesso 08 abr. 2020, p. digitalizada 22

memorar condigna o Centenário da nossa independência, a qual neste foi presidida pelo Secretário do Interior e composta de 13 membros, compreendendo pessoas de diversas classes sociais.

Na revista *Bahia Illustrada*, uma pequena nota proclamava os mesmos festejos, informando a reunião dos membros do IGHB para combinar ação conjunta em gesto de valor cívico, representando os sentimentos patrióticos da Bahia. O programa geral, segundo a nota, previa: a exposição na Biblioteca Pública de manuscritos inéditos, oficiais ou particulares, relativos à história colonial e lutas pela independência e publicação de catálogo; a publicação do *Livro do Centenário*, em um ou mais volumes, tratando das lutas de 1822-1823, e outro abordando a evolução moral, intelectual e material para os cem anos decorridos. E, além dos monumentos citados anteriormente, a implantação de pontos comemorativos nos lugares célebres dos combates e fatos notáveis ocorridos na Bahia em prol da Independência.

Na nota, o deputado e escritor Xavier Marques (1861-1942) registrou que, enquanto concluído o movimento de emancipação política no Sul, a Bahia resistia na “luta accêsa, armada, terrível, quasi ininterrupta contra os elementos revolucionários da Metropole que alli preponderavam, pela anarchia, contra nossa soberania de povo autônomo”. O deputado remete à formação da comissão para os festejos, à contratação do escultor italiano Pasquale del Chirico (1873-1943), para os monumentos e marcos (indica a localização: Funil, Pirajá e Lagoinha), ao levantamento do mapa geral da Bahia, e à previsão ocorrida da inauguração do edifício-sede da Casa da Bahia (IGHB) na Avenida Sete de Setembro, em terreno cedido pelo governo do Estado³⁵.

No discurso unificador das personalidades políticas citadas são evidentes os sentimentos que trazem à luz as qualidades enaltecidas pelas elites baianas a favor da identidade regional, no momento em que se desencadeava entre as regiões do país a disputa pelo poder político e açambarcamento da nacionalidade no plano do simbólico, com a configuração dos estados federativos característica das primeiras décadas republicanas (LEITE, 2012, p.23).

³⁵ *A Bahia no Centenario da Independencia. O que nos disse, numa entrevista, o deputado e escriptor Xavier Marques.* Bahia Illustrada. Hemeroteca Biblioteca Nacional. Indexação Ano 1921/Edição 0038 (1), p. digitalizada 30. Disponível em: <<http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=066940&pasta=ano%20192>>. Acesso em: 08 abr. 2020.

Balanço da Exposição de 1923: a Bahia comprometida com a abundância

Através das exposições da Primeira República tem-se uma das interpretações do projeto de modernidade para a Nação, posto em execução no Estado da Bahia com a participação nas mostras do Rio de Janeiro e no conjunto concebido para as comemorações locais em 1923. Em contexto nada favorável, entre as crises de abastecimento, de infraestrutura na cidade do Salvador, problemas de atrasos na remuneração dos servidores públicos, as exposições foram adiante recebendo créditos financeiros e incentivos do Estado, o que nos dá a dimensão do peso simbólico social e cultural que mobilizou políticos e representantes das classes médias e altas da capital baiana, com apoio positivo do noticiário em jornais.

São notórias as diferenças entre a apresentação da Bahia em pavilhão próprio, em 1908, e a integração ao nacional, em 1922, compartilhando espaços, o que altera a narrativa para o que, o Estado da Bahia vinculou-se à lógica geral do evento. O desafio da exposição do Centenário na capital do país, nos diz Marly Silva da Motta (1992, p.10), era o de empreender a “vontade de renovação que então invadira todos os domínios da atividade humana”. Nessa conjuntura e na de um Brasil mais perfilado como nação, a Bahia empenhou-se em investir nos pontos altos da produção regional.

No arranjo dos produtos no imponente Pavilhão de 1908, ou espalhados em salas e vitrines em 1922 e 1923, a exposição baiana ressalta a influência da cultura visual, herança do século XIX, reforçando a legitimidade dos discursos do progresso quer para o país quer para a Bahia na Primeira República. Indústria, lavoura e comércio no mesmo espaço expositivo estabeleciam o prisma da prosperidade fundamentando e, se pode dizer, enraizando a mitologia de origem do Estado brasileiro e, no caso particular da *Exposição da Verdadeira Emancipação*, a do baiano em comprometimento com a abundância, desenvolvimento e civilização, desconsiderando as crises as mais graves.

Nessa conjuntura progressista não interessava às oligarquias apresentar problemas, fossem do Rio de Janeiro, do Brasil, do Estado da Bahia ou mesmo os da cidade do Salvador. Em particular, os emissários do Estado da Bahia pautavam sua representação nas exposições no discurso saudosista das glórias do passado, alinhado ao discurso nacional de avanço material e modernidade, ao passo em que reivindicava certa proeminência e prioridade sobre a elaboração da nacionalidade. A Bahia retratada nas suas exposições, através dos seus acervos de produtos e artes, ao mesmo tempo mostra e esconde suas mazelas.

Registramos nossos agradecimentos ao numismata, historiador e Mestre em Museologia João Goulart Gomes.

Referências

A BAHIA no Centenário. Jornal *O Imparcial*: Órgão das Classes Conservadoras da Bahia. Salvador. 04 de jul. de 1922.

A EXPOSIÇÃO Luso-bahiana em 1923. Jornal *O Imparcial*: Órgão das Classes Conservadoras da Bahia. Salvador. 22 de jul. de 1922.

ALBUQUERQUE, Wlamyra R. de. *Algazarra nas ruas*. Comemorações da Independência na Bahia (1889-1923). Campinas, SP: Editora Unicamp/Centro de Pesquisa em História Social da Cultura, 1999.

AS FESTAS do Centenário: os funcionários estaduais vão passar desembolçados dos seus ordenados. Jornal *O Imparcial*: Diário Ilustrado do Rio de Janeiro. 03 de abril de 1922.

BARBUY, Heloisa. *A Cidade-Exposição*. Comercio e Cosmopolitismo em São Paulo, 1860-1914. São Paulo: EDUSP, 2006.

BARBUY, Heloisa. *A Exposição Universal de 1889 em Paris*. São Paulo: Edições Loyola, 1999.

BARBUY, Heloisa. Museus, exposições e cidades: cultura visual no século XIX. In OLIVEIRA, Cecília H. de Salles; BARBUY, Heloisa (Orgs). *Imagem e produção de conhecimento*. ;). São Paulo: Museu Paulista – USP, 2002, pp. 66-77.

BOURDIEU, Pierre. *O Poder simbólico*. 11ª ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2007, 322p.

CHARTIER, Roger. *A História Cultural: entre práticas e representações*. 2ª. ed. Algés, Portugal: Difel Ed, 2002.

CORBEY, Raymond. Ethnographic Showcases, 1870-1930. *Cultural Anthropology*, 1993, v.8, n.3:338-369. Disponível em: < <https://anthrosource.onlinelibrary.wiley.com/doi/abs/10.1525/can.1993.8.3.02a00040>>. Acesso em: 20 abr. 2020.

CUNHA, Cinthia da Silva. *As Exposições Provinciais do Império: a Bahia e as Exposições Universais (1866-1888)*. Dissertação. Salvador: Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, UFBA, 2010. Disponível em: < <https://repositorio.ufba.br/ri/handle/ri/12017>>. Acesso em: 01 jun. 2020.

_____. “A Bahia se mostrará digna do renome que a cerca”: exposições da Primeira República (1908, 1922 e 1923). Salvador: Universidade Federal da Bahia, Programa de Pós Graduação em História Social (tese), 2018, 171 p. Disponível em: < <https://repositorio.ufba.br/ri/handle/ri/31278>>. Acesso em: 14 out. 2020.

CUNHA, Marcelo Nascimento Bernardo da. *Teatro das Memórias, palco de esquecimentos: culturas africanas e das diásporas negras em exposições*. Tese em História Social. São Paulo: PUC, 2006, 285p.

DEBLÛE, Claire-Lise. De l'Exposition Universelle à la foire Nationale. Éléments por une historie élargie des expositions durant la première Guerre Mondiale. *Relations internationales* 2015/4 (nº 164), p. 59-74. Disponível em: <

[https://www.academia.edu/36699233/De l'exposition universelle %C3%A0 la foire nationale %C3%89%C3%A9ments pour une histoire %C3%A9largie des expositions durant la Premi%C3%A8re Guerre mondiale](https://www.academia.edu/36699233/De_l_exposition_universelle_%C3%A0_la_foire_nationale_%C3%89%C3%A9ments_pour_une_histoire_%C3%A9largie_des_expositions_durant_la_Premi%C3%A8re_Guerre_mondiale)>. Acesso em: 20 mar. 2020.

DORATIOTO, Francisco. O Brasil no Mundo. Idealismos, novos paradigmas e voluntarismo. In SCHWARCZ, Lilia M. (Coord.). *A abertura para o mundo: 1889-1930*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2012, pp.133-172.

EM 1923- A Exposição luso-bahiana: no primeiro centenário da Independência da Bahia. *Jornal O Imparcial: Órgão das Classes Conservadoras da Bahia*. Salvador. 20 de jul. de 1922.

EXPOSIÇÃO do Centenário. *Jornal O Imparcial: Órgão das Classes Conservadoras da Bahia*. Salvador. 11 de ago. de 1922.

FRANCO, Gustavo H. B; LAGO, Luiz A. Corrêa do. O Processo Econômico. In SCHWARCZ, Lilia M. (Coord.). *A abertura para o mundo: 1889-1930*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2012, pp. 173-238.

GINZBURG, Carlo. *O queijo e os vermes: o cotidiano e as ideias de um moleiro perseguido pela inquisição*. Tradução: Maria Betânia Amoroso. 2ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

L'ESTOILE, BENOÎT. The past as it lives now: an anthropology of colonial legacies. *Anthropologie Sociale*, 2008, 16, 3, p. 267–279. Disponível em: <<http://elias.ens.fr/~estoileb/BL.Colonial.legacies.PDF>>. Acesso em: 14 mar. 2020

LEITE, Rinaldo C Nascimento. *A Rainha Destronada*. Discursos das elites sobre as grandezas e os infortúnios da Bahia nas primeiras décadas republicanas. Feira de Santana: UEFS Editora, 2012.

MOTTA, Marly Silva da. "Ante-sala do paraíso", "vale de luzes", "bazar de maravilhas" - a Exposição Internacional do Centenário da Independência (Rio de Janeiro - 1922). Rio de Janeiro: CPDOC, 1992. Disponível em: <<https://bibliotecadigital.fgv.br/dspace/bitstream/handle/10438/6763/1033.pdf?sequence=1&isAllowed=y>>. Acesso em: 01 jun. 2020.

O CENTENÁRIO vindouro da Independência na Bahia. *Jornal O Imparcial: Órgão das Classes Conservadoras da Bahia*. Salvador. 13 de set. de 1922.

OLIVEIRA, Lucia Lippi. *Cultura e patrimônio: um guia*. Rio de Janeiro: FGV, 2008, 192p.

PARA a Exposição luso-bahiana de 1923. *Diário de Notícias*, propriedade de uma sociedade anônima, Bahia. 18 de jul. de 1922.

PEREIRA, Margareth da Silva. A Exposição Nacional de 1908 ou o Brasil visto por dentro. In: PEREIRA, Margareth da Silva (Org.). *1908 Um Brasil em Exposição*. São Paulo: Casa 12, 2011, pp.9-47.

PUPPI, Suely de O. Figueirêdo. A arquitetura monumental de Salvador no início do século XX: Uma resposta local a um processo internacional. *19&20*, Rio de Janeiro, v. IV, n.4, out. 2009. Disponível em: <http://www.dezenovevinte.net/arte%20decorativa/ad_spuppi.htm>. Acesso em: 10 mar. 2020.

REIS, Lysie. *A Arte que vem do ofício: práticas sociais e cultura dos artífices na Bahia do século XIX*. Salvador: Universidade Federal da Bahia. Programa de pós graduação em História (tese), 2006, 303 p. Disponível em: <<https://repositorio.ufba.br/ri/handle/ri/16806>> Acesso em: 14 out. 2020.

RASMUSSEN, Anne. Les Congrès internationaux lies aux Exposition universelles des Paris (1867-1900). *Revue d'histoire intellectuelle (Cahiers Georges Sorel)*, 7, 1989:23-

44. Disponível em: < https://www.persee.fr/doc/mcm_0755-8287_1989_num_7_1_976>
Acesso em: 02. abr. 2020.

SANTOS, Laura Carvalho dos. Antônio Moniz de Souza, o 'Homem da Natureza Brasileira': ciência e plantas medicinais no início do século XIX. *História, Ciência, Saúde-Manguinhos*, v. 15, n.4. Rio de Janeiro, 2008. Disponível em: < https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-59702008000400008&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 14.out. 2020.

SANTA'ANA, Thais R. da Silva de. *A Exposição Internacional do Centenário da Independência: modernidade e política no Rio de Janeiro do início dos anos 1920*. Dissertação (mestrado), 2008. Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Campinas, SP. Disponível em: < <http://repositorio.unicamp.br/jspui/handle/REPOSIP/281848>>. Acesso em: 14 out. 2020.

SCHROEDER-GUDEHUS, Brigitte; RASMUSSEN, Anne. *Les fastes du progrès. Le guide des Expositions universelles. 1851-1992*. Paris: Flammarion, 1992.

SCHAER, Roland. *L'invention des musées*. Paris: Gallimard, 1993.

TAVARES, Luís Henrique Dias. *História da Bahia*. 11^a.ed. São Paulo: Ed. da UNESP; Salvador: EDUFBA, 2008.

TRAN, Van Troi. L'éphémère dans l'éphémère. La domestication des colonies à l'Exposition universelle de 1889. *Ethnologies*, v. 29, 1-2, 2007, p. 143-169. Disponível em: < <https://www.erudit.org/en/journals/ethno/1900-v1-n1-ethno2401/018748ar/>>. Acesso em: 02 abr. 2020.

3 DE MAIO. *Jornal A Bahia*, Salvador, 03 de maio de 1908.

Data de recebimento: 11.11.2020

Data de aceite: 20.01.2021